
Os desafios do Período das Onças: uma breve etnografia entre gente, gado e carnívoros

Francisco Octávio Bittencourt de Sousa¹
José Luiz de Andrade Franco²

Resumo: Este artigo aborda a predação de gado por grandes carnívoros na comunidade Kalunga da Prata. Buscamos identificar e compreender conceitos e perspectivas locais, incluindo a própria noção do “Período das Onças”. A pesquisa de campo foi realizada em 2023, com doze criadores de gado locais. A partir dos relatos dos moradores, examinamos as relações da comunidade com a fauna, incluindo o sistema de classificação de riscos local e as percepções atribuídas aos grandes carnívoros. Em seguida, discutimos as categorias de “desafio” presentes nas conversas e os métodos utilizados pela comunidade para reduzir os conflitos. Na conclusão, refletimos sobre os achados da pesquisa à luz da biologia da conservação.

Palavras-chaves: Cerrado, Quilombo Kalunga, coexistência e conservação.

The challenges of the Jaguar Period: a brief ethnography among people, cattle, and carnivores

Abstract: This article addresses cattle predation by large carnivores in the Kalunga da Prata community. We seek to identify and understand local concepts and perspectives, including the very notion of the “Jaguar Period.” Field research was conducted in 2023 with twelve local cattle ranchers. Based on residents’ accounts, we examine the community’s relationships with wildlife, including the

¹ Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela da Universidade de Brasília.

² Doutor em História pela Universidade de Brasília.

local risk classification system and perceptions attributed to large carnivores. We then discuss the categories of “challenge” present in conversations and the methods used by the community to mitigate conflicts. In conclusion, we reflect on the research findings in light of conservation biology.

Key-words: Cerrado, Quilombo Kalunga, coexistence, and conservation.

1. Introdução

Cê quer saber de onça? Eh, eh, elas morrem com uma raiva,
tão falando o que a gente não fala...
(Guimarães Rosa, no conto “Meu tio o lauretê”)

Este estudo investigou a predação de gado por onças-pintadas na comunidade Kalunga da Prata, localizada em Cavalcante - GO, no Cerrado brasileiro, durante o recente “Período das Onças”, marcado por um aumento na frequência dos ataques e na proteção legal desses felinos. A pesquisa faz parte de um esforço contínuo de colaboração com a comunidade Kalunga e integrou a construção de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. A trajetória teve início em 2019, com uma pesquisa sobre grilagem no território Kalunga, uma das maiores comunidades quilombolas do Brasil, situada no nordeste de Goiás, abrangendo mais de 260 mil hectares e com mais de 270 anos de história (Sousa, 2022). O território abriga descendentes de africanos escravizados, cuja cultura combinava tradições africanas e brasileiras, expressas na música, dança e culinária, além de práticas agrícolas e de manejo ambiental que têm garantido a preservação do Cerrado (Baicocchi, 1999).

A pesquisa revelou que a conservação do Cerrado, um dos biomas mais biodiversos do mundo, é central para a comunidade, com sua rica fauna e flora, incluindo espécies endêmicas e interações únicas com o ecossistema (Franco, Ganem e Barreto, 2016). Trata-se de uma etnografia que buscou compreender práticas, motivações e processos decisórios ambientais dentro de uma comunidade Kalunga, fornecendo subsídios para abordagens acadêmicas voltadas às populações tradicionais e suas relações com o território. A pesquisa estruturou-se a partir do estudo das interações entre a comunidade e a fauna local, com

foco especial nas onças e nos fatores que influenciavam seus ataques. Primeiramente, foram analisadas as dinâmicas socioecológicas da região, seguidas pelos relatos dos moradores da Prata, que revelaram classificações locais de risco e percepções sobre os grandes felinos. O conceito de “desafio” – termo utilizado para se referir aos ataques de onça – foi explorado para compreender como a predação era vivenciada e interpretada. Além disso, a pesquisa examinou estratégias locais para mitigar esses conflitos, destacando o conhecimento tradicional e suas implicações para a conservação da fauna.

A análise foi sustentada por referências fundamentais sobre interações entre fatores ecológicos e sociais, incluindo Moran (1994; 2011) e a coletânea *People and Wildlife* (2005), que exploraram estratégias de convivência entre humanos e vida selvagem. Além disso, os trabalhos de Sússekind (2014) e Nyhus (2016) ofereceram insights sobre percepções locais e dinâmicas culturais associadas à presença de grandes carnívoros. Na conclusão, a pesquisa contribuiu para reflexões sobre o manejo de conflitos humano-fauna no Cerrado, reforçando a importância do conhecimento tradicional e da construção coletiva de soluções para a coexistência sustentável entre humanos e animais selvagens.

2. A caça

No núcleo populacional da Prata, onde estávamos, a criação de gado de corte era a principal atividade econômica. Nossa equipe de campo era formada por nós e pelo guia, um morador local que se preparava para se tornar técnico agrícola. Ele era filho de um dos criadores entrevistados e neto de um caçador de onças, o que acrescentava uma perspectiva única à pesquisa. Nosso objetivo era descrever a interação entre pessoas, onças e gado. Estávamos no final da estação seca, percorrendo uma estrada que atravessava uma paisagem marcada por pequizeiros, cagaiteiras, baruzeiros, cajueiros e outras árvores nativas. O cenário era composto por campos e serras cobertos por vegetação rasteira, intercalados por manchas isoladas de floresta.

O tempo de deslocamento entre as sedes das fazendas variava de 10 minutos a uma hora, com eventuais paradas para a abertura de colchetes e a coleta de frutos do cerrado. Durante essas viagens, os relatos dos moradores iam populando a paisagem com uma diversidade de animais e interações próprias

da região, garantindo destaque para a onça-pintada (*Panthera onca*)³ e a sussuarana (*Puma concolor*)⁴, os principais predadores de topo do Cerrado.

A exemplo do que acontece na região da Prata, a predação de rebanhos domésticos por felinos já é um tema conhecido na literatura acadêmica (Palmeira & Barrella, 2007). Foi documentada na Venezuela (Polisar et al, 2003) e também ocorreram casos de predação de rebanhos domésticos por onças no Chile (Rau & Jiménez, 2002), Argentina (Perovic & Herrán, 1998) e em Belize (Rabinowitz, 1986). No Brasil, a predação de rebanhos domésticos por onças tem sido relatada em várias regiões (Palmeira & Barrela, 2007). Registros de ataques a rebanhos domésticos por onças-pardas e onças-pintadas remontam a décadas atrás (Villas-Bôas & Villas-Bôas, 1995). Estudos mais recentes também documentaram esses conflitos em diferentes ecossistemas do Brasil, incluindo o Pantanal (Zimmermann et al, 2005; Sússekind, 2014), o Cerrado (Palmeira, 2004), a Floresta Amazônica (Michalski, 2006) e a Mata Atlântica (Conforti & Azevedo, 2003).

As populações de animais de criação possuem uma influência ecológica e econômica de grande importância em todo o mundo, desempenhando um papel dominante no cenário global. O crescimento contínuo da produção de gado é um dos principais motores dos conflitos entre seres humanos e a vida selvagem em várias regiões. Os sistemas de criação de animais ocupam aproximadamente 30% da superfície terrestre não coberta por gelo, oferecem emprego direto para cerca de 1,3 bilhão de pessoas e sustentam os meios de subsistência de mais de 600 milhões de pequenos agricultores em todo o mundo, principalmente em países em desenvolvimento. Além disso, a pecuária é um dos subsetores agrícolas que mais tem crescido nos países em desenvolvimento. Esse cresci-

3 A *Panthera onca* é o único representante vivo do gênero *Panthera* nas Américas e, atualmente, encontra-se extinta no bioma Pampa, além de enfrentar severas ameaças nos demais biomas brasileiros. Embora apresente elevada plasticidade ecológica, a espécie é altamente sensível à fragmentação do habitat e às mudanças no uso da terra, fatores intensificados pela expansão agropecuária e pelo desenvolvimento urbano (Franco, 2016). No Cerrado, tais pressões comprometem a conectividade ecológica, limitando os deslocamentos e a disponibilidade de presas, o que pode intensificar conflitos com atividades produtivas, como a pecuária. Ainda assim, a onça-pintada desempenha um papel essencial na regulação populacional de herbívoros e mesopredadores, sendo considerada um elemento-chave para a manutenção do equilíbrio ecológico.

4 A sussuarana (*Puma concolor*), por sua vez, apresenta a mais ampla distribuição entre os mamíferos do hemisfério ocidental, ocorrendo desde o oeste do Canadá até o extremo sul das Américas. Sua elevada capacidade de adaptação permite sua ocorrência em distintos biomas, incluindo formações savânicas e florestais, entretanto, a expansão agrícola e a caça indiscriminada representam desafios significativos para sua conservação ((O))Eco, 2013). Assim como a onça-pintada, a sussuarana desempenha uma função ecológica essencial, atuando na regulação de cadeias tróficas e na manutenção da biodiversidade. Dessa forma, compreender os impactos das interações entre essas espécies e as comunidades humanas é fundamental para a formulação de estratégias eficazes de manejo e mitigação de conflitos.

mento, entretanto, está associado à perda e degradação de habitats, bem como a medidas retaliativas contra a predação de gado. Estes fatores desempenham um papel fundamental na diminuição das populações de predadores em várias regiões (Nyhus, 2016).

A frequência de conflitos entre a vida selvagem e as atividades humanas varia consideravelmente entre indivíduos ou grupos. Alguns animais ou grupos podem raramente ou nunca se envolver em conflitos, enquanto outros ocasionalmente ou frequentemente participam de tais interações. Diferentes estágios de vida dos animais também podem influenciar a probabilidade de conflito. Animais mais velhos, feridos ou doentes podem ser mais propensos a se envolver em depredação de gado, invasão de colheitas ou outros comportamentos arriscados. Isso pode ocorrer porque esses animais não conseguem competir eficazmente por presas selvagens ou foram deslocados para habitats menos ideais por competidores mais jovens. No entanto, a extensão desse fenômeno ainda é objeto de debate (Moran, 1994; Nyhus, 2016).

O sexo dos animais também é um fator relevante. No caso de felinos, os machos têm maior probabilidade de matar gado do que as fêmeas. Ursos machos jovens frequentemente invadem áreas habitadas por seres humanos. Há evidências de que a aprendizagem social desempenha um papel significativo na aquisição de comportamentos de ataque em algumas espécies. Por exemplo, em certas populações de elefantes, um subconjunto de animais é responsável por uma parcela significativa dos ataques a colheitas. Isso sugere que os elefantes jovens podem ser influenciados por membros mais velhos do grupo que demonstram comportamento invasivo (Nyhus, 2016).

Além disso, fatores ecológicos, como a disponibilidade de alimentos e água, também desempenham um papel importante na distribuição e na abundância dos conflitos. A disponibilidade de presas selvagens pode afetar o potencial de conflito; por exemplo, ataques de felinos a gado e humanos são mais comuns quando há menor disponibilidade de presas. No entanto, conflitos também podem ocorrer em áreas com alta densidade de presas, dependendo do comportamento do predador. A distribuição espacial de humanos e vida selvagem também influencia os padrões de conflito. A proximidade de áreas protegidas é um preditor de conflitos, e a distância entre habitats naturais adequados para predadores e áreas habitadas por humanos desempenha um papel crucial na taxa de predação (Süssekind, 2014; Nyhus, 2016).

Na Prata, a cada encontro surgiam histórias envolvendo a fauna local que revelavam um pouco mais dos fatores biológicos, ecológicos, sociais e culturais vinculados à interação humano-animal, e na maioria delas a onça era protagonista. Eram compartilhadas experiências de perdas, desde bezerros até touros, galinhas e burros. Isso porque os ataques desses felinos tornaram-se cada vez mais intensos e frequentes nos últimos anos, o “Período das Onças”.

Os rastros deixados pelas onças foram descritos minuciosamente, incluindo as diferenças entre os tipos de pegadas, a maneira como cobriam ou não a presa, o período e a área de caça mais comum, a ousadia da “onça lombo preto”, a majestosidade da onça pintada e a beleza aterradora da onça preta. As narrações das caçadas do passado eram particularmente instigantes, envolvendo incursões de dias pela mata em busca das onças, uma espécie de ritual que separava os meninos dos homens. Matar uma onça era uma tarefa árdua, geralmente os cachorros eram os primeiros a chegar, e, se era onça velha - atributo associado à astúcia -, os cachorros acabavam mortos. As caçadas eram extenuantes e exigiam resistência, havia peões que não conseguiam aguentar e, em alguns casos, tiveram que ser resgatados por exaustão ou medo.

Um interlocutor destacou que a caçada ocorria somente quando a onça ultrapassava certos limites, a exemplo de quando matou oito animais na mesma noite. No entanto, hoje em dia, as grandes caçadas já não ocorrem mais e não existem mais caçadores tão habilidosos como antigamente, características que marcam o período das onças. Além disso, afirmou um interlocutor, as onças tornaram-se mais espertas, algumas delas conseguem até mesmo detectar se a carcaça contém veneno, ou se estão sendo observadas por humanos.

Atualmente, os ataques de onças ao gado seguem sendo a principal razão para a perseguição e eliminação desses felinos por criadores. Essa prática, retaliatória à predação de gado, é considerada uma das principais ameaças à conservação das onças, tanto a pintada como a parda. Nas áreas rurais, o desenvolvimento da atividade pecuária tem sido associado ao aumento de conflitos, especialmente devido aos modelos de criação e gestão de gado. Mudanças sazonais na pecuária, como os períodos de reprodução do gado ou o deslocamento para áreas vulneráveis, como o agreste, frequentemente aumentam o risco de conflitos. Em síntese, à medida que o contato entre as onças e o gado aumenta, o problema da predação também cresce. Por outro lado, os picos diários na atividade humana podem diminuir o risco de conflitos, uma vez que a

presença humana constante pode dissuadir a vida selvagem de se aproximar de áreas vulneráveis (Moran, 1994; Nyhus, 2016).

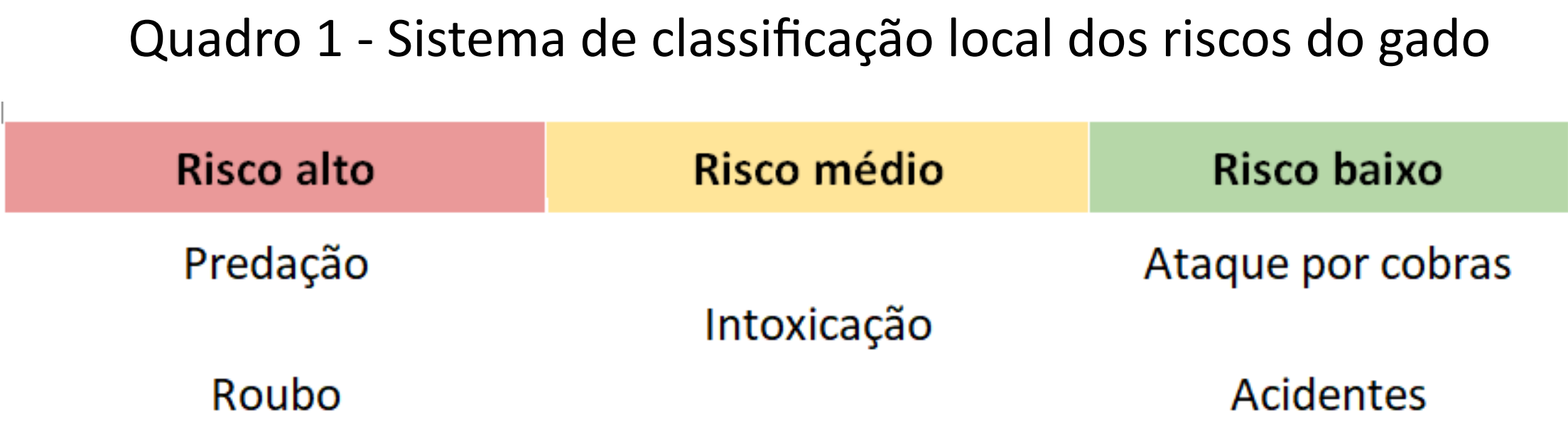
Vale ressaltar o impacto da comunicação via *WhatsApp* no manejo do gado, especialmente no que diz respeito aos ataques das onças. A notícia de um bezerro morto hoje pode se espalhar por toda a comunidade em questão de horas, o que pode ser um dos fatores que contribuem para a afirmação de que os últimos anos foram marcados por um aumento nos ataques de onças. O *WhatsApp* também é usado para disseminar histórias, que nem sempre são verdadeiras. Um exemplo disso é a suposta soltura de quatro onças “mansas” na região “pelo pessoal do parque”⁵. Até o momento, não existe um sistema de monitoramento consolidado para além dos grupos no aplicativo de mensagem, a fim de quantificar as perdas e diferenciar a predação por onças de outras causas de morte, entre outros aspectos.

O que existe é um sistema de classificação e identificação oral das principais características dos riscos aos quais o gado está exposto. Pelos relatos, esses riscos podem ser divididos em diferentes níveis de intensidade. Os mais graves incluem o roubo de animais, que ocorre com maior frequência e intensidade, representando uma ameaça significativa para os criadores. Além disso, a presença de onças na região também representa um risco mais elevado para o gado. Em um nível intermediário de risco, encontram-se as frutas do cerrado, a flor de pequi e algumas ervas que podem ser tóxicas para o gado⁶. No entanto, esses

5 Trata-se de uma referência ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Criado em 1961, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros está localizado no nordeste do Estado de Goiás, entre os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Teresina de Goiás, Nova Roma e São João d’Aliança. Protegendo uma área de 240.611ha de cerrado de altitude, abriga espécies e formações vegetais únicas, centenas de nascentes e cursos d’água, rochas com mais de um bilhão de anos, além de paisagens de rara beleza, com feições que se alteram ao longo do ano. O Parque também preserva áreas de antigos garimpos, como parte da história local. Foi declarado Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, em 2001.

6 Nos “boqueirões de erva”, uma situação peculiar foi narrada: se um grupo de 30 animais entra na área, todos os animais acabam morrendo. Esse fenômeno é atribuído ao fato de que o gado fica “empanzinado” (cheio de comida pouco nutritiva) quando se alimenta dessa vegetação específica. Devido a esse comportamento, é necessário isolar o boqueirão para evitar que os animais acessem essa área. Curiosamente, é descrito que a erva tem um aroma semelhante ao mentol, o que atrai o gado, mesmo que a consequência seja fatal. Nos relatos, a “erva” compreende uma série de plantas diferentes: uma “pequena roxa”, de odor forte (que pode ser referência à planta conhecida como margaridinha ou mesmo a maria-preta); um “arbusto que lembra quebra-pedra” (provavelmente tamboril/orelha-de-macaco); e uma árvore (talvez barbatimão). A margaridinha, quando consumida pelo gado, pode causar intoxicações. Os sintomas incluem apatia, anorexia, icterícia, fezes moles com sangue, inchaço na face e membros, urina escura, lacrimejamento, salivação excessiva e fotossensibilização. Outra planta tóxica é a maria-preta. Ela pode causar sintomas como apatia, anorexia, narinas secas, pelos arrepiados, ranger de dentes, entre outros. Os animais também podem se intoxicar ao ingerir a fava da orelha-de-macaco durante a seca. Os sintomas incluem diminuição do apetite, diarreia, sede intensa e desidratação. O barbatimão também representa um risco para o gado devido à presença de taninos na casca da árvore e saponinas nos frutos. As intoxicações geralmente ocorrem entre junho e setembro, afetando animais famintos que consomem as favas caídas no chão. Os sinais de intoxicação incluem apatia, anorexia, desidratação, tremores musculares, erosões na mucosa bucal e outros sintomas. No entanto, é importante ressaltar que, com o manejo adequado, esses riscos relativos

riscos podem ser mitigados por meio de um manejo adequado das pastagens e da alimentação do rebanho. Por fim, em um nível de menor intensidade, mas ainda importantes, estão os riscos relacionados a cobras venenosas e acidentes, que podem ocorrer. São citadas cobras venenosas, como a cascavel e a jararaca, que embora representem um risco, são entendidas como uma ameaça menor em comparação com outros perigos mencionados anteriormente. As pessoas costumam dizer que essas cobras não atacam por necessidade de se alimentar, mas sim por “maldade”, usando a expressão “ofendido de cobra” para se referir ao ataque.



Fonte: dos autores

O roubo de gado também é um problema significativo na região e, muitas vezes, o desaparecimento de animais é atribuído à presença da onça. A dinâmica dos roubos de gado na região apresenta vários aspectos, como o conhecimento dos ladrões pelos moradores locais. Isso cria uma situação desafiadora, pois a confiança nas autoridades é baixa. Os roubos são realizados de maneira discreta, geralmente focando em levar um animal de cada vez. Essa abordagem furtiva dificulta a detecção imediata dos roubos, principalmente no caso da criação solta, o que permite que os ladrões continuem suas atividades por períodos prolongados. Outro ponto notável é que os animais na região estão acostumados à presença humana. Isso pode torná-los alvos mais suscetíveis, já que não costumam reagir de maneira agressiva ou suspeita à presença de estranhos. Outros animais, como burros e cavalos, também são alvos de roubo na região.

Os ladrões parecem empregar diferentes estratégias de roubo, incluindo o roubo de bezerros para secar o leite das vacas e adquirir animais a preços mais baixos. Finalmente, quando os ladrões são descobertos, parece haver uma tendência para que eles devolvam o que foi roubado e ofereçam alguma forma de compensação, reatando os laços de reciprocidade. Isso pode ser uma estratégia para evitar confrontos diretos e manter relações pacíficas na comunidade. Essa à flora podem ser minimizados. Por exemplo, a adoção de práticas de monitoramento constante do rebanho e o cercamento dos boqueirões ajudam a evitar que o gado consuma plantas venenosas. Os criadores de gado na região da Prata estão familiarizados com eles e trabalham ativamente para mitigar essas ameaças.

complexidade na dinâmica dos roubos tem ainda outra camada: muitos criadores relatam que os ladrões são vizinhos ou mesmo familiares. O desaparecimento contínuo e a ausência de investigação, comuns na maioria dos casos, contribuem para a perpetuação da onça como a principal causadora de conflitos, enquanto roubos passam despercebidos ou não são devidamente denunciados.

É interessante notar que essa dinâmica de roubo, particularmente quando cometido por vizinhos, conhecidos ou até mesmo parentes, está intrinsecamente ligada às redes de reciprocidade e solidariedade que permeiam a comunidade. Afinal, o roubo não deixa de ser uma forma de redistribuição da produção. Essas relações são evidenciadas na maneira como a comunidade lida com aqueles que cometeram o delito. Isso me faz lembrar da história sobre o pai que se transformava em onça e matava o gado do filho. Ela pode oferecer *insights* sobre como certos problemas na comunidade são solucionados sem recorrer necessariamente a processos públicos ou questões jurídicas. Por vezes, a resolução de conflitos envolvendo prejuízos causados por pessoas do próprio núcleo familiar ou por aqueles próximos à comunidade não ultrapassa os limites do território e dos acordos locais. Quando o guia mencionou, em tom satírico, que “tem muito ladrão virando onça”, ele destacava como a onça se torna uma forma de proteção e, em alguns casos, uma válvula de escape para questões sociais mais complexas, que seriam mais difíceis de abordar de outras maneiras.

3. O desafio

Por fim, o risco das onças. Segundo relatos na Prata, há uma variedade de tipos de onça, incluindo a onça pintada, a lombo preto, a sussuarana/parda/vermelha e a onça preta. A sussuarana e a lombo preto são mais comuns na área, sendo a sussuarana a mais propensa a caçar bezerros e animais domésticos de pequeno porte. A caça de onças não é mais tão comum como costumava ser e os caçadores profissionais são difíceis de encontrar devido aos altos custos envolvidos. As onças parecem ter se adaptado à presença humana, demonstrando uma capacidade de perceber quando estão sendo observadas. Os encontros e ataques são chamados de “desafio”.

Alguns moradores afirmam que certas onças podem estar agindo de maneira incomum, como se tivessem sido “mandadas”. Há uma percepção de que desenvolveram um gosto por interações com humanos, preferindo caçar em

áreas mais próximas às atividades humanas. Além disso, as sussuaranas na região parecem ter uma familiaridade com os habitantes, levando a situações em que esses animais se aproximam das pessoas em busca de comida. Isso cria um cenário desafiador, especialmente quando se trata da predação de cachorros.

A onça-pintada, apesar de “ser mais tímida”, evitando a presença humana e aparecendo nos arredores das fazendas com menos frequência, causa conflitos atacando rebanhos domésticos no agreste. Sua pelagem varia de amarelo-claro a dourado e apresenta manchas pretas em forma de rosetas, que ajudam a diferenciar cada indivíduo. É descrita como muito inteligente e tende a atacar somente na madrugada. Existem variações melânicas, conhecidas como onças pretas, que têm uma coloração de fundo preto, mas também exibem as rosetas. Moradores da região relatam diferenças no rastro das onças pintadas e pretas. Segundo eles, o rastro da onça preta é descrito como mais redondo em comparação com o da onça pintada, que é “uma flor perfeita”⁷. Além disso, afirmam que esses felinos têm uma grande área de deslocamento, sugerindo que uma onça que é vista em um local pode percorrer até 60 km ou mais em busca de comida ou território. Uma peculiaridade narrada é que, quando uma onça mata uma presa, geralmente não consome as tripas, deixando-as para trás.

As onças têm uma preferência por bezerros novos como presas, mas também são capazes de abater animais maiores se estiverem com fome. Em algumas situações, as onças podem entrar no pasto e matar o gado sem a intenção de consumi-lo, deixando a carcaça para trás. Os moradores atribuem isso à educação dos filhotes. É importante notar que as onças podem representar uma ameaça especialmente se as vacas dão à luz na serra/no agreste, onde são mais ativas. À medida que os bezerros crescem e se tornam mais ágeis, eles se tornam menos vulneráveis aos ataques das onças. Portanto, evitar que as vacas tenham os filhotes na serra é uma medida preventiva para proteger o gado contra esses predadores.

Ao abater uma presa, normalmente a onça-pintada a arrasta para uma gruta e cobre com folhas e galhos, deixando um rastro de sangue. Segundo os moradores, se ela cobrir a presa, ela volta, diferente da sussuarana que “não tem compromisso”. É destemida e “brinca” com os que tentam caçá-la, matando os cachorros que normalmente acompanham o caçador. Segundo relatos dos

⁷ Trata-se de percepção que não é confirmada pelos especialistas da academia, posto que se trata da mesma espécie e que os indivíduos melânicos não apresentam variação em termos de estrutura morfológica.

moradores, no passado, a caça às onças era uma atividade realizada por grupos armados acompanhados por cães treinados. No entanto, abater uma onça era algo raro, e o objetivo principal era afugentá-la para garantir alguns dias de tranquilidade. Quanto aos cães da região, os moradores relatam que predominam raças como o americano, vira-lata e pitbull, enquanto outras raças são menos comuns. O cão americano é considerado um dos mais adequados para caça.

A sussuarana é descrita como “lerda” e “acostumada com gente”. Possui um corpo alongado, cabeça pequena, pescoço e cauda longa, pernas muito fortes, orelhas pequenas e curtas, e é altamente ágil, podendo saltar vários metros. Os interlocutores relataram que a sussuarana “estrala” a orelha, produzindo um som bastante específico, que denuncia sua presença. Essas criaturas podem caçar a qualquer hora do dia, mas preferem o crepúsculo. A lombo preto é descrita como uma sussuarana com uma faixa preta que segue ao longo de sua coluna. É menos vista que a sussuarana comum, mas é mais “atentada”. Segundo os moradores, “desafia” na frente de casa, no galinheiro ou no chiqueiro. Isso quando não abate os cachorros que “tentam ser valentes”. Há relatos de que são capazes de identificar carcaças envenenadas. Cobrem as presas com folhas e terra e “não tem compromisso” de voltar a comer de uma presa coberta⁸. Além da carcaça coberta, deixam rastros como pegadas e fezes.

As pegadas da onça-pintada são grandes e fáceis de reconhecer, com exceção de uma onça-pintada chamada de mão-torta, que esconde os rastros girando a pata no caminhar, segundo relatos. A pegada da frente é maior, medindo de um palmo, enquanto a pegada de trás é um pouco menor. Elas têm uma almofada grande e arredondada na parte de baixo, e os dedos são redondos, sem marcas das unhas. A carcaça fica bastante destruída pela força do bicho e é comum encontrar buracos na cabeça e no cupim. A sussuarana, por sua vez, normalmente morde o pescoço. Urubus ajudam bastante a encontrar os animais mortos.

Segundo relatos, os ataques de onça têm picos, e estavam mais intensos há cerca de três meses (entrevista de setembro de 2023). Normalmente, quando retorna, abate várias reses por noite, preferindo bezerros, e come apenas uma parte de cada um (“às vezes arranca só a língua, de outro bebe só o sangue”). É amplamente aceito que mais de um indivíduo de onça habita a região, com rastros de onças grandes e ao menos dois filhotes sendo observados. Em caso

⁸ Uma percepção que não é confirmada pelos especialistas da academia. Para eles, não é comum que a sussuarana cubra a presa abatida.

de encontro com uma onça, as orientações incluem nunca virar as costas, desviar do caminho ou correr. Subir em uma árvore com galhos finos pode ser uma boa opção, pois “onça só sobe em pau grosso”. Gritar pode ser uma forma de espantar a fera. Reagir “só se estiver armado e tiver coragem de puxar o gatilho”⁹. As pessoas concordam que os ataques de onças eram menos frequentes no passado, no tempo do curraleiro¹⁰. Atualmente, os relatos possibilitam concluir que ocorre um ataque de onça a cada 60 dias por propriedade. Com um cálculo simples, isso significa que na região da Prata, se perde uma rês a cada 5 dias, ou seja, 73 ao ano¹¹.

Pelas entrevistas realizadas com os moradores da região, foi possível identificar distintas categorias que descrevem os desafios da onça. A primeira categoria, denominada “visto”, refere-se a situações em que alguém relata ter efetivamente visto a onça rondando as proximidades das propriedades. Este tipo de encontro gera grande apreensão entre os moradores, uma vez que a presença física do felino próximo às áreas de criação de gado pode ser vista como um sinal de possível ataque iminente. A segunda categoria, conhecida como “carcaça”, descreve cenários em que os moradores encontram os restos mortais de animais com marcas de ataque de onça. Esta evidência direta da predação da onça é um indicador claro de sua atividade na região e é o que gera mais indignação. Por fim, a terceira categoria é denominada “não visto”. Nesses casos, o gado simplesmente desaparece e não são encontrados vestígios da carcaça ou sinais claros de ataque. Essas situações podem ser particularmente misteriosas e desconcertantes, deixando os moradores com incertezas sobre o destino de seu gado. A ausência de evidências visíveis torna difícil determinar se o gado foi realmente vítima da onça ou se outros fatores podem ter contribuído para seu desaparecimento.

9 Há também histórias de uma suposta soltura de quatro onças mansas na área que aparecem de diversas formas nos relatos, como já comentei anteriormente.

10 O “Tempo do Curraleiro” é como os moradores da comunidade Kalunga da Prata (GO) se referem ao período que vai do início do século XX até meados da década de 1960, lembrado como uma “era de fartura”. Caracterizava-se pela abundância na produção agropecuária, especialmente pela criação do gado curraleiro, valorizado por sua rusticidade, carne saborosa e leite de qualidade. O modo de vida era baseado na agricultura de subsistência e na criação “na solta”, com forte gestão familiar e transmissão oral de saberes. A memória dessa época evoca união comunitária, menor conflito com o ambiente e maior autonomia em relação às adversidades naturais. Em tempos de crise, essa lembrança funciona como referência simbólica diante das transformações atuais, como a perda de conhecimentos tradicionais e os desafios impostos pela intensificação dos conflitos socioambientais.

11 Como não há um sistema de registro físico, esses dados são pouco precisos.

Quadro 2 - Categorias de desafio das onças

Categoria	Descrição
Visto	Moradores relatam ter visualizado a onça rondando as proximidades das propriedades, gerando apreensão devido à possível ameaça iminente à criação de gado.
Carcaça	Moradores encontram os restos mortais de animais com marcas de ataque de onça. Esta evidência direta da predação da onça é um indicador claro de sua atividade na região, gerando indignação entre os moradores.
Não visto	O gado simplesmente desaparece, sem vestígios da carcaça ou sinais claros de ataque. Essas situações são misteriosas e desconcertantes, deixando os moradores com incertezas sobre o destino de seu gado. A ausência de evidências visíveis dificulta a determinação da causa.

Fonte: Dos autores

Dessa forma, cada morte é considerada mais que uma perda na produção daquele ano, é uma interrupção nas escolhas do produtor. Um bezerro morto poderia ter sido negociado com um produtor maior, enviado para engorda em outra fazenda e, no ano seguinte, seria abatido em um frigorífico em Paranã ou Cavalcante, onde a carne seria comercializada, ou seria abatido durante alguma celebração local e compartilhado para fortalecer os laços de reciprocidade.

O ataque de onças agrava essa percepção, pois o sujeito que retirou a escolha é identificado, assumindo um caráter pessoal, como a ideia de “desafio” deixa evidente. As histórias sobre as onças frequentemente refletem essa percepção, como se a onça estivesse questionando a autoridade do criador sobre o gado, principalmente quando “mata por maldade” (oposto a matar para comer), ou seja, não consome a presa. De certa forma, o ato de comer a presa ameniza o desafio e parece ser um preço pago pela morada na região. Tanto que é comum ouvir relatos em que alguns interlocutores afirmam: “Um ou dois tudo bem, mas em fulano pegou quatro em uma única noite, e nem comeu metade. De um deles só bebeu sangue e do outro arrancou apenas a língua”. No entanto, continua o interlocutor:

A associação proibiu a caça de onças. Matar uma onça hoje é punido mais severamente do que cometer outros crimes, chegando a resultar em prisão. Em algumas situações, as onças podem ser mais protegidas do que as próprias pessoas. Recentemente, houve uma tentativa de trazer um caçador de fora, do Pará, que era famoso por matar onças, mas ele cobrava 3 mil reais por dia, além de 5 mil reais por cada cachorro que a onça matasse. Quem poderia pagar por isso? Quando procura-

mos as autoridades ambientais, eles dizem que não podem fazer nada. Se houver pelo menos a possibilidade de ser compensado por parte das perdas causadas pelas onças, isso ajuda a amenizar a situação, pois tem sido difícil. Digo isso não apenas por mim, mas também pelos pequenos criadores. Se uma onça atacar quatro animais de um criador que possui apenas 20, isso equivale à renda de todo o ano. Hoje, com o WhatsApp, a situação é melhor porque qualquer incidente pode ser comunicado rapidamente, o que ajuda a proteger o gado. No entanto, exige a capacidade de cercar e vigiar, e isso tem um custo. Além disso, a onça ataca com frequência durante a madrugada. Ela parece saber quando há pessoas vigiando e quando não há. Já passei três dias seguidos vigiando o gado, mas quando voltei para casa, a onça atacou na noite seguinte. Parece que elas que mandam, certo? É a época delas.

Está aí a definição do período das onças. É uma época em que as onças “pegaram gosto pelo gado”, passaram a ser protegidas e a cadeia produtiva do gado enfrenta grandes transformações. A relação entre gente, onça e gado é exemplificada aqui, com raízes no adensamento populacional, na introdução maciça de gado branco e no aumento do número de cabeças de gado. Alguns interlocutores acreditam que hoje em dia as onças têm mais facilidade em atacar com o gado fechado, fato documentado em outros estudos (Süssekind, 2012). Segundo relatos, as onças mudaram suas preferências alimentares ao longo do tempo, passando a preferir o gado em vez de animais selvagens: “O gado está pronto para elas, no pasto, sem ter para onde correr”. Elas ainda atacam no agreste, principalmente animais recém-nascidos. A criação solta também expõe o gado a diversas outras causas de mortalidade, por isso é provável que a predação seja menor, embora as perdas gerais possam ser maiores. O fato de o gado pastar em áreas naturais expõe os animais a predadores, mas também os torna suscetíveis a outras ameaças, como roubo, doenças, escassez de alimentos e condições climáticas adversas, não tão comuns no caso do gado criado fechado (Woodroffe et al, 2005).

Na ecologia, as onças desempenham um papel regulatório, controlando as populações de suas presas, e esse tipo de controle é considerado benéfico para o ecossistema, pois mantendo o equilíbrio entre as espécies, a ação predatória das onças é vista como uma forma de manejo da vida selvagem, fundamental para a saúde do ecossistema. Portanto, o sacrifício individual é importante para a manutenção do equilíbrio ecológico, regulando a população das presas e preservando a biodiversidade do ambiente. A definição das relações muda quando se trata da predação da onça sobre o gado bovino. Nesse caso, a referência

conceitual passa a ser centrada no ser humano. A onça passa a ser sinônimo de prejuízo. Em ambos os casos, o foco são as relações de predação, ou seja, as interações entre seres que estão no mesmo nível da cadeia trófica com os animais que servem de alimento. Isso implica competição entre humanos e onças (Süssekind, 2012).

As onças são vistas como concorrentes e a conservação parece estar gerando mais prejuízos do que benefícios monetários, especialmente em um modelo de conservação que se baseia em alianças para o desenvolvimento do turismo, algo que ainda é uma realidade distante na Prata. As entrevistas deixam evidente que os criadores buscam fortalecer a pecuária. Eles veem a pecuária como uma atividade econômica fundamental e desejam apoio para continuar com suas práticas. Em contraste, operadores turísticos e ambientalistas (universitários e ONGs, nós) acreditam que outras alternativas, como a limitação do uso do solo e o desenvolvimento do ecoturismo, poderiam ser usadas de forma mais benéfica para a região. Além disso, os criadores afirmam que as populações de onças estão estáveis, ou até mesmo aumentando. No entanto, profissionais do turismo e o “pessoal do meio ambiente” argumentam que o número de onças ainda não foi mensurado e provavelmente está diminuindo. Ao mesmo tempo, nos distanciando do embate local, a pecuária é considerada um dos usos da terra mais compatíveis com a conservação. Ou seja, a pecuária, quando bem gerida, pode coexistir com a preservação da fauna e da flora. Sob essa tese, o desenvolvimento do ecoturismo como forma de minimizar os conflitos entre criadores e carnívoros pode não ser a solução mais adequada para esse núcleo populacional (Woodroffe et al, 2005; Süssekind, 2012).

Há evidências de que várias formas de criação de gado podem conviver com grandes carnívoros. Embora as abordagens modernas, como as vedações elétricas e a vigilância a distância, pareçam úteis na América do Norte e na Europa, são dispendiosas e podem ser inadequadas para utilização em áreas com pouca infraestrutura. Em contrapartida, em fazendas comerciais na África Oriental, a criação de gado semelhante à praticada durante gerações pelos pastores Masai foi muito eficaz na redução do conflito entre predadores e criadores de gado, sem implicar em aumento da degradação ambiental (Woodroffe et al, 2006). Curiosamente, os métodos empregados pela comunidade da Prata na redução dos conflitos não diferem em essência das práticas dos Masai.

4. Métodos locais de redução de conflitos

A percepção do risco desempenha um papel significativo nos conflitos com a vida selvagem, e frequentemente ocorre uma diferença entre a percepção do risco, o risco real e a resposta apropriada ao risco. Várias influências afetam a percepção do risco, incluindo valores culturais, histórias, ideologias, o tamanho e a visibilidade da espécie envolvida e a novidade do risco. Espécies grandes e potencialmente perigosas, como onças pintadas, geram preocupações desproporcionais, mesmo que o roubo ou espécies menores causem danos mais significativos não necessariamente monetizados. Isso pode ser resultado de fatores psicológicos e culturais que ampliam o risco percebido (Moran, 1994; Nyhus, 2016).

Estudos realizados em florestas asiáticas indicam que a ocorrência de matanças retaliatórias de tigres, após ataques a humanos ou ao gado, não se explica apenas pelo evento em si. Fatores sociopsicológicos têm peso decisivo, como as percepções de risco por parte das comunidades locais, crenças culturais sobre os tigres, atitudes frente à presença desses animais, níveis de confiança (ou desconfiança) nas autoridades responsáveis pela gestão territorial, e elementos contextuais — como a gravidade do ataque e o local onde ocorreu (Moran, 1994; Nyhus, 2016). A forma como os conflitos são registrados e compartilhados com os pares pode moldar a opinião da comunidade e influenciar a percepção do risco. A educação e a fiscalização, para além do compromisso via Regimento Interno, podem ser estratégias eficazes, mas a sua implementação é um desafio a ser enfrentado e elas exigem um compromisso contínuo. Assim, muitos moradores argumentam de forma velada a favor do abate de onças, quando julgam que esses animais ultrapassam os limites aceitáveis pela comunidade.

Ao longo da história, o controle letal tem sido um método comum, embora controverso, para gerir danos causados por animais. Isso inclui, em alguns casos extremos, a estratégia de erradicar populações inteiras ou mesmo espécies inteiras. Programas de controle letal, como recompensas pela eliminação de predadores, já foram amplamente utilizados para reduzir e, em alguns casos, eliminar populações de predadores. Por exemplo, no século XX, programas de controle de predadores levaram à quase erradicação de lobos e pumas no oeste dos Estados Unidos. Atualmente, o controle letal é mais frequentemente empregado para controlar espécies abundantes, como os javalis, ou para remover

seletivamente animais agressivos que tenham sido claramente identificados como uma ameaça direta à vida humana (Süssekind, 2012; Nyhus, 2016).

É importante ressaltar que a legislação de caça no Brasil existe desde 1967, quando foi proibida a caça de qualquer espécie de fauna silvestre. Essa legislação foi modificada pela última vez em 1998, pela Lei nº 9.605, que estabelece penalidades para quem matar, perseguir, caçar, apanhar ou utilizar espécimes da fauna silvestre nativa ou em rota migratória, sem a devida permissão ou licença das autoridades competentes. No entanto, a legislação é ambígua uma vez que um artigo dessa mesma lei afirma que não é crime abater um animal quando necessário para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora de animais, desde que seja caracterizado como nocivo pelo órgão competente (artigo 37). Além disso, a lei estadual que reconhece o território reserva aos quilombolas o direito de caçar dentro dos limites estabelecidos (artigo 7). No entanto, o Regimento Interno proíbe a caça predatória (artigo 29).

Os interlocutores apresentaram uma real preocupação com a legislação ambiental e o regimento do território, demonstrando ajustes sociais e culturais característicos do período das onças, por meio de abordagens não letais de manejo da vida silvestre, assim como no caso das ervas que “empazina” o gado. Existem numerosas abordagens locais não letais para reduzir conflitos com a vida selvagem. Essas abordagens englobam métodos para deslocar a vida selvagem (fogos de artifício e rojões), separar os animais selvagens das pessoas e do gado (pastoreio e manejo), bem como a utilização de guardas (principalmente humanos ou cães), ferramentas mecânicas (cercas) e produtos químicos para dissuadir a vida selvagem (um dos interlocutores afirmou que há uma erva roxa que, se esfregada na carcaça de um animal abatido, afasta a onça).

Quadro 3 - Métodos locais de redução de conflitos

Métodos letais	Métodos não letais
Químico (envenenamento)	Manejo e proteção (localização)
Físico (tiro, armadilhas)	Vigilância (pessoas, animais)
	Dissuasores (fogos de artifício, rojões)
	Barreiras (cercas)
	Acordos (Regimento Interno)
	Redes de pesquisa

Fonte: Dos autores

Um dos métodos mais antigos e bem-sucedidos para reduzir conflitos entre a vida selvagem e as atividades humanas é que as pessoas vigiem seu gado e suas colheitas. No entanto, esta abordagem apresenta desafios, principalmente devido aos custos de trabalho e à necessidade de vigilância constante. Alguns animais, como onças pintadas e queixadas, podem não ser facilmente dissuadidos pelas pessoas, especialmente à noite ou quando as pessoas entram em habitats de carnívoros para cuidar de animais domésticos ou colheitas. Lembro-me de uma história sobre um bando de queixadas que perseguiu um senhor até que ele subiu em uma árvore e urinou nos animais abaixo. Algo na urina fez com que o bando dispersasse.

Na comunidade alvo deste estudo é bastante comum encontrar cães que auxiliam no manejo, sinalizando a presença de animais silvestres. O uso de cães de guarda como uma estratégia para reduzir conflitos com a vida selvagem apresenta desafios que incluem a necessidade de um treinamento extensivo para os cães, o controle de problemas comportamentais, como desatenção, e a prevenção de mortes prematuras, como picadas de cobra. Além disso, os cães de guarda podem, por vezes, desencadear conflitos. Por exemplo, a matança de cães de caça treinados por carnívoros selvagens pode provocar retaliação e ressentimento por parte da comunidade.

Uma das estratégias é o deslocamento de áreas onde o conflito está ocorrendo ou é provável de ocorrer. E há aqui um movimento de mão dupla: ao mesmo tempo em que se leva o gado para áreas onde há menos risco, alguns interlocutores afirmaram também que nos casos de ataque visto, é comum se unirem a vizinhos para “correr” com a onça. Entretanto, a taxa de sucesso dessas translocações tem sido geralmente baixa e frequentemente dispendiosa. Os problemas associados às translocações incluem a morte de animais, o retorno desses animais ao local original ou a continuação de comportamentos conflituosos em novos locais.

Do ponto de vista das práticas conservacionistas, o conflito envolve discussões sobre a eficácia dos métodos para minimizar a predação, a compensação financeira dos criadores de gado pela presença de onças em suas terras e a regulamentação da caça. No Kalunga a lei e a fiscalização são bastante escassas. Isso se torna evidente ao se falar sobre o roubo. A preservação da onça inevitavelmente passa pelas pessoas. É necessário atribuir valor à onça, avaliar o prejuízo que causa e quanto é preciso investir para sua conservação (Süssekind, 2012).

Os programas de compensação são uma estratégia frequentemente utilizada para lidar com conflitos entre a vida selvagem e as comunidades. Esses programas geralmente envolvem o reembolso em dinheiro ou em espécie para pessoas que sofreram danos causados pela vida selvagem em suas plantações, gado ou que tenham sofrido ferimentos pessoais ou ameaças por parte da vida selvagem. O objetivo desses pagamentos é aumentar a tolerância das comunidades em relação à vida selvagem (Nyhus, 2016). No entanto, existem desafios comuns associados a esses esquemas de compensação. Alguns desses desafios incluem:

Quadro 4 - Desafios associados a esquemas de compensação

Categoria	Descrição
Verificação de causa de dano	É difícil verificar a causa do dano, como identificar se o gado foi morto por carnívoros ou outras razões.
Pagamento lento ou complicado	Os processos de pagamento de compensação podem ser lentos, complexos ou insuficientes, o que pode causar frustração para os afetados.
Risco moral	Alguns agricultores podem ter pouco incentivo para proteger o gado se souberem que podem obter compensação econômica pela depredação, o que pode levar a um aumento do conflito ¹² .
Altos custos de transação	A administração dos programas de compensação pode ser dispendiosa devido a custos administrativos e burocráticos.
Problemas de confiança	Problemas relacionados à confiança e à transparência podem surgir, como em casos em que os agricultores não têm certeza se receberão compensação justa.
Perdas indiretas	Os carnívoros também podem causar perdas indiretas, como o ganho de peso insuficiente do gado devido ao estresse, afetando a saúde e a reprodução dos animais. Avaliar adequadamente esses tipos de danos é desafiador.

Fonte: Dos autores

Estudos nos campos africanos apontam que práticas de pastoreio constante e a construção de bomas¹³ podem reduzir substancialmente as probabilidades de predação do gado. Ter um cão doméstico acompanhando um rebanho reduz o risco de ataque em 63%. Cada portão na boma aumenta a probabilidade de ataque em 40%. Essas conclusões são valiosas, pois permitem aos criadores e gestores de conservação tomarem decisões informadas sobre a configuração ideal das estruturas de proteção. Embora um muro de boma mais denso pro-

12 Para abordar a crítica de que a compensação pode reduzir os incentivos das partes envolvidas em tomar medidas preventivas para evitar conflitos, muitos programas exigem evidências de melhorias na gestão pecuária como condição para receber pagamentos de compensação.

13 Uma “boma” é um tipo de cercado utilizado principalmente em partes da região dos Grandes Lagos Africanos, bem como na África Central e do Sul. Ela pode servir como barreira para o gado, uma área de convivência da comunidade, um reduto fortificado, um curral, um pequeno forte ou um escritório governamental distrital.

porcione uma proteção mais eficaz ao gado, resultando em menos predação por carnívoros selvagens, a construção dessas estruturas requer mais mão de obra e implica maior colheita de árvores nativas de crescimento lento. Cães domésticos desempenham um papel vital na redução da predação de gado, mas também carregam consigo riscos, como a transmissão de doenças que podem impactar negativamente as populações de carnívoros selvagens (Woodroffe et al, 2006).

No geral, animais que são pastoreados de perto durante o dia e mantidos à noite em bomas, protegidos por cães de guarda e uma atividade humana constante, apresentam menor probabilidade de serem alvo de predadores selvagens. Uma gestão eficaz pode ter um duplo impacto: reduzir as perdas imediatas de gado e, a longo prazo, evitar que os predadores adquiram o hábito de atacar o gado. O abandono das tradições de pastoreio pode levar a conflitos significativos entre pessoas e predadores, especialmente em áreas próximas a zonas de conservação e regiões onde os predadores se recuperaram após serem localmente extintos. Além disso, em regiões onde o desemprego é comum e a criação de gado é uma tradição contínua, há uma reserva de mão de obra disponível a baixos custos, disposta a trabalhar como pastores. É importante ressaltar que os predadores mencionados neste contexto estão sujeitos a diferentes níveis de proteção legal. No entanto, venenos eficazes estão amplamente disponíveis e a população local poderia erradicar a maioria dos grandes carnívoros, constatações válidas também para a comunidade quilombola. As práticas de manejo pecuário que demonstraram eficácia na limitação da predação em fazendas comerciais, como pastoreio intensivo de gado e bomas com alta atividade, apresentam semelhanças notáveis com as tradições de pastoreio dos locais Masai e Samburu (Ogada et al, 2003).

Em suma, melhorias relativamente simples nas práticas pecuárias podem desempenhar um papel significativo na redução da predação de gado por carnívoros selvagens. Essas práticas não apenas minimizam os impactos dos predadores nos meios de subsistência das comunidades locais, mas também reduzem a necessidade de controle letal dessas espécies, beneficiando a conservação da vida selvagem, tanto localmente quanto globalmente. É evidente que a adoção dessas abordagens em outras regiões dependerá de diversos fatores, incluindo tradições locais de pastoreio, disponibilidade de recursos para construção de bomas e oportunidades alternativas de emprego e renda associadas à conservação

de predadores. A conservação bem-sucedida dessas espécies também requer o fornecimento de presas selvagens alternativas para garantir sua sobrevivência (Woodroffe et al, 2006).

Estes estudos são particularmente relevantes ao considerar a realidade Kalunga, pois na comunidade da Prata já é comum a presença de cães domésticos e o hábito de fechar os animais à noite, seja para proteger a criação solta que retorna para lamber sal, ou para proteger os animais que são criados fechados. A intenção aqui não é simplificar a situação, mas apontar para uma alternativa, mais viável do que cercas elétricas ou emprego de drones, a ser explorada, especialmente com a retomada de um pastoreio mais constante, que é incentivado pela tendência de individualização, refletida na política de estabelecimento de retiros para cada família que cria gado. Manter um pastor acompanhando o gado no seu retiro específico pode ser benéfico, reduzindo a incidência de predação e também protegendo contra roubo. Além disso, os cercados podem ser adaptados para se tornarem estruturas mais robustas, semelhantes às bomas africanas. A adaptação dos animais a esse novo espaço pode ser relativamente simples, envolvendo apenas a mudança de localização de onde o sal é colocado, seguindo um processo semelhante ao já adotado com o costume de retornar para lamber sal próximo da sede na fazenda. No entanto, é importante reconhecer as limitações dessa abordagem, que inclui preocupações com os problemas que os cães podem causar à fauna silvestre devido à predação e os custos associados à manutenção de um pastoreio constante e a construção de novas estruturas para abrigar o gado. E qualquer tentativa de conciliar as relações humano-animal neste caso necessitará de um método de registro e contabilização das perdas.

5. Conclusão

Onça, elas também sabem de muita coisa. Tem coisas que
ela vê, e a gente vê não, não pode. Ih! tanta coisa...
(Guimarães Rosa, no conto “Meu tio o lauairetê”)

O período das onças apresenta duas perspectivas distintas sobre a ideia de preservação. No primeiro caso, o predador é identificado como uma força externa que desestabiliza o ambiente, uma fonte de prejuízo para a unidade

produtiva da fazenda. Por outro lado, do ponto de vista da conservação, a ação humana é considerada uma força externa que perturba as relações ecológicas e ameaça o equilíbrio ambiental (Süssekind, 2012). Na comunidade da Prata, a análise mostra como essas perspectivas estão interconectadas em uma rede complexa. A relação entre criadores e onças envolve aspectos multifacetados, criando laços de diplomacia entre entes humanos e não humanos e conectando diferentes entidades interessadas na conservação e no desenvolvimento local. Dito isso, a ênfase nas relações humano-animal como conflito pode ser momentaneamente abandonada, abrindo caminho para outras abordagens possíveis.

Ao abordar os conflitos humanos-animais de uma perspectiva antropológica, Süssekind (2012) compara esse simbolismo conservacionista com o simbolismo das espécies prejudiciais. Enquanto o simbolismo de animais prejudiciais se relaciona com a ameaça natural à cultura, o simbolismo da conservação da vida selvagem se baseia na ameaça cultural à natureza. O tema do conflito se sobrepõe ao da preservação ambiental. O autor descreve como o conflito humano-animal se desdobra a partir daí em uma série de outras relações, entre grupos humanos, ambientalistas e locais. Mas, como isso se aplica à realidade observada neste trabalho?

No âmbito das práticas de conservação, a ênfase estrita na demarcação de áreas de preservação ou reservas naturais, excluindo as atividades humanas, tem sido alvo de críticas no campo das ciências humanas. Esse enfoque reflete uma perspectiva que valoriza a ideia de uma natureza que deve ser protegida contra influências culturais. Um exemplo notório dessa crítica pode ser encontrado na história das políticas de delimitação de reservas e áreas de conservação, que, por vezes, implicaram na remoção e realocação de populações nativas em países como os Estados Unidos, no governo de Roosevelt (Süssekind, 2012).

Nesse contexto, duas questões cruciais emergem para discussão. A primeira, que se torna evidente ao longo deste trabalho, é que não é uma coincidência que áreas de conservação frequentemente se sobreponham a territórios de comunidades com séculos de existência, já que a forma de uso do solo nessas regiões tende a ser menos degradante do que em áreas adjacentes, como exemplificado pela comunidade Kalunga em contraste com as práticas intensivas de soja e criação de gado nas áreas vizinhas. Entretanto, essa crítica não se direciona contra as áreas de preservação ambiental restritas em si, mas sim contra a falta de correlação ou integração entre essas áreas e outras que também poderiam

ser alvo de conservação. A questão central é de governança e integração. Fica cada vez mais claro que as áreas de preservação estrita, por si só, não são suficientes para garantir a conservação. Assim, é imperativo integrar essas áreas com aquelas onde proprietários fazem escolhas conscientes pela conservação, como evidenciado pelo SHPCK, pelas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e pelas Áreas de Preservação Permanente (APPs), essas últimas por imposição legal. Portanto, a crítica não recai sobre a necessidade das áreas de conservação restrita em si, mas sim sobre a necessidade de uma abordagem relacional na governança dessas áreas. A ideia central é promover a integração de áreas *core* (núcleo) e corredores, permitindo o fluxo de animais e, em última análise, assegurando sua sobrevivência. O que permite reconhecer a eficácia do sistema é a presença dos grandes carnívoros (Soulé & Noss, 1998). E, ao observar áreas com potencial de conservação com o SHPCK, destaca-se a importância crítica da coexistência e da elaboração de estratégias para garantir a convivência entre seres humanos e grandes carnívoros. A crítica, portanto, deve ser entendida dentro desse contexto, reconhecendo a complexidade da interação entre conservação e comunidades locais.

Na área da biologia da conservação, o reconhecimento da insuficiência de abordagem centrada exclusivamente em áreas protegidas de uso indireto, tem conduzido a uma mudança no enfoque das estratégias políticas de ação (Franco, 2013). Antes, o foco estava em preservar áreas selvagens com suas paisagens incríveis e animais carismáticos. Agora, se volta para algo maior: a conservação da biodiversidade. Não se trata mais de uma espécie, um ponto ou um polígono, mas de uma teia de relações em um mosaico fundiário. Essa mudança trouxe um foco mais científico, lidando com questões do “mundo real” – onde gestão da natureza selvagem é um desafio –, especialmente aquelas relacionadas aos interesses humanos. Se reconhece que o sucesso da conservação está intrinsecamente ligado à participação e colaboração das populações locais em projetos de conservação. Para obter a cooperação das comunidades, os incentivos devem ir além de recompensas puramente econômicas, incorporando valores morais. No caso da comunidade alvo deste estudo, os valores parecem presentes e se traduzem na ideia de que “no Kalunga não se pode mexer”. No entanto, não há ainda as “recompensas puramente econômicas”.

Diante da insuficiência das ações políticas e pressões políticas para proteger a vida selvagem, essa outra abordagem proposta acompanha e reforça a sobre-

posição da pauta ambiental com a pauta territorial e defende a adoção de medidas pragmáticas e estratégias de gerenciamento de recursos inovadoras¹⁴. Isso significa que a conservação da vida selvagem é fundamentada em aspectos cosmológicos que transcendem as considerações puramente científicas. De acordo com essa visão, valores éticos, estéticos, religiosos etc. desempenham um papel crítico na sustentação dos esforços de conservação (Soulé & Noss, 1998).

A ética da terra, como originalmente concebida por Leopold (1949), marcou um ponto crucial no desenvolvimento dos movimentos de conservação, notadamente na articulação entre ecologia e manejo da vida selvagem, que se tornaram disciplinas científicas de destaque nos Estados Unidos. Leopold fez convergir as estratégias voltadas para a preservação mais estrita da “natureza selvagem” ou “*wilderness*” com uma ação mais incisiva no sentido do manejo da fauna selvagem (*wildlife*). Essa perspectiva reflete sobre o papel da ação humana, para o “bem” ou para o “mal”, na conformação do mundo natural. Se é a partir da ação humana, da cultura, que a natureza é devastada, é também a partir da ação humana que ela pode ser conservada ou até mesmo restaurada (Franco, 2015).

O desenvolvimento da ecologia, em sua faceta mais cativante e progressista, direciona-se para um campo relacional no qual os seres humanos desempenham um papel essencial, substituindo a noção tipicamente moderna de uma natureza separada da humanidade. A atribuição de valor intrínseco aos seres da natureza, sejam eles animais, plantas ou ecossistemas, e o compromisso de preservar a integridade, a estabilidade e a beleza das comunidades bióticas, estabelecidos nas raízes da ética ambiental, lançam as bases para um novo paradigma (Leopold, 1949).

Então a dualidade do período das onças sai do campo do embate entre o cultural e o ambiental e vai para o horizonte de expectativa como uma oportunidade única: um período em aberto, no qual podemos trabalhar para transformar os grandes carnívoros de motores de prejuízo para agentes de ganhos. Durante as entrevistas, a comunidade demonstrou grande receptividade a alternativas voltadas para a coexistência com as onças. Isso apontou mais para a possibilidade de pagamento por serviços ambientais e aprimoramento da pecuária do que para a criação de uma nova indústria turística.

14 Isso inclui encontrar maneiras de oferecer incentivos econômicos às comunidades que compartilham território com grandes predadores.

A evidência mostra que é mais provável que os criadores tomem medidas benéficas para a vida selvagem quando recebem informações e assistência de maneira pessoal e contínua, em vez de uma comunicação à distância. Isso realça a importância de estabelecer e manter um contato próximo e direto com criadores afetados por conflitos com a vida selvagem. O sucesso futuro na abordagem ou resolução de conflitos específicos entre carnívoros e gado dependerá da capacidade de permanecer no campo e trabalhar lado a lado com indivíduos e grupos de criadores. Monitorar as mudanças reais no conflito, assim como a percepção dos fazendeiros sobre o conflito, será fundamental. É essencial que todas as ações sejam adaptadas a circunstâncias ecológicas, sociais e econômicas específicas, já que cada situação pode ser única (Woodroffe et al, 2005). Com algum esforço, em um futuro não muito distante poderemos estar discutindo a Prata como exemplo de comunidade híbrida, como pensada por Lestel (2010), ou seja, uma associação de humanos e animais fundada em interesses recíprocos e trocas mútuas.

Referências

- (O)ECO. **Onde menos se espera, Suçuarana**. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/27667-onde-menos-se-espera-sucuarana/>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- BAIOCCHI, Maria. **Kalunga: povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, 1999.
- CONFORTI, Valéria Amorim; AZEVEDO, Fernando Cesar Cascelli de. Local perceptions of jaguars (*Panthera onca*) and pumas (*Puma concolor*) in the Iguaçu National Park area, south Brazil. **Biological Conservation**, v. 111, p. 215-221, 2003.
- DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FRANCO, José Luiz de Andrade. O conceito de biodiversidade e a história da biologia da conservação: da preservação da wilderness à conservação da biodiversidade. **História**, v. 32, n. 2, dez. 2013.
- FRANCO, José Luiz de Andrade. Patrimônio cultural e natural, direitos humanos e direitos da natureza. In: SOARES, I. V. P.; CUREAU, S. (orgs.). **Bens culturais e direitos humanos**. São Paulo: SESC, 2015. p. 155-184.

FRANCO, José Luiz de Andrade. História da *Panthera onca* no Brasil: entre o terror e a admiração (séculos XVI-XXI). In: FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (orgs.). **História ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2016. p. 393.

LEOPOLD, Aldo. **A Sand County Almanac: and sketches here and there**. Oxford: Oxford University Press, 1949.

LESTEL, Dominique. **L'Animal est l'avenir de l'homme**. Paris: Fayard, 2010.

MICHALSKI, Fernanda et al. Human-wildlife conflicts in a fragmented Amazonian forest landscape: determinants of large felid depredation on livestock. **Animal Conservation**, v. 9, n. 2, p. 179-188, 2006.

MORAN, Emílio. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica**. São Paulo: EDUSP, 1994.

MORAN, Emílio. **Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

NYHUS, Philip. Human–wildlife conflict and coexistence. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 41, p. 143–171, 2016.

OGADA, Mordecai et al. Limiting depredation by African carnivores: the role of livestock husbandry. **Conservation Biology**, v. 17, p. 1521-1530, 2003.

PALMEIRA, Francesca Belem Lopes. **Predação de bovinos por onças em propriedades rurais no Norte do Estado de Goiás**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências) — Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP), Piracicaba, 2004.

PALMEIRA, Francesca Belem Lopes; BARRELLA, Walter. Conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas na Mata Atlântica. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 1, 2007.

PEROVIC, Pablo G.; HERRÁN, Martín. Distribución del jaguar *Panthera onca* en las Provincias de Jujuy y Salta, Noroeste de Argentina. **Mastozoología Neotropical**, v. 5, n. 1, p. 47-52, 1998.

POLISAR, John et al. Jaguars, pumas, their prey base, and cattle ranching: ecological interpretations of a management problem. **Biological Conservation**, v. 109, p. 297-310, 2003.

RABINOWITZ, Alan Robert. Jaguar predation on domestic livestock in Belize. **Wildlife Society Bulletin**, v. 14, p. 170-174, 1986.

RAU, Jaime; JIMÉNEZ, Jaime. Diet of puma (*Puma concolor*, Carnivore: Felidae) in coastal and Andean ranges of South Chile. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, v. 37, p. 201-205, 2002.

SOULÉ, Michael; NOSS, Reed. Rewilding and biodiversity: complementary goals for continental conservation. **Wild Earth**, v. 8, p. 19-28, 1998.

SOUSA, Francisco. **Se o grileiro vem, pedra vai: redes de solidariedade e suborno na Fazenda Bonito, território Kalunga**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SÜSSEKIND, Felipe. A onça-pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, v. 37, n. 2, 2012.

VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BÔAS, Orlando. **A marcha para o Oeste**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

WOODROFFE, Rosie et al. Livestock husbandry as a tool for carnivore conservation in Africa's community rangelands: a case-control study. **Biodiversity and Conservation**, 2006.

WOODROFFE, Rosie et al. (Org.). **People and wildlife: conflict or coexistence?** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ZIMMERMANN, Alexandra et al. Cattle ranchers' attitudes to conflicts with jaguar *Panthera onca* in the Pantanal of Brazil. **Oryx**, v. 39, n. 4, p. 406-412, 2005.